

Música nas Catedrais

Programa 2019

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

Orquestra Clássica do Sul

Orquestra Filarmonia das Beiras

Orquestra do Norte

Santarém	28 de junho	Coro do Teatro Nacional de São Carlos
Beja	11 de julho	Coro do Teatro Nacional de São Carlos
Elvas	12 de julho	Coro do Teatro Nacional de São Carlos
Faro	12 de julho	Orquestra Clássica do Sul
Viseu	19 de julho	Orquestra Filarmonia das Beiras
Braga	25 de julho	Orquestra do Norte
Miranda do Douro	26 de julho	Orquestra do Norte
Leiria	26 de julho	Coro do Teatro Nacional de São Carlos

Concerto na Catedral de Santarém, Beja, Elvas e Leiria

Solistas do Coro do Teatro Nacional de São Carlos

Soprano: **Raquel Alão**

Meio-Soprano: **Ana Ferro**

Tenor: **João Queiroz**

Barítono: **Carlos Pedro Santos**

Baixo: **Nuno Dias**

Piano: **Kodo Yamagishi**

Direção musical: **Giovanni Andreoli**

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

Giuseppe Verdi (1813-1901), *Nabucco*

Giuseppe Verdi (1813-1901), *I Lombardi alla prima crociata*

Giuseppe Verdi (1813-1901), *Forza del Destino*

Pietro Mascagni (1863-1945), *Cavalleria Rusticana*

Pietro Mascagni (1863-1945), *Iris*

Alfredo Keil (1850-1907), *Dona Branca*

Gioachino Rossini (1792-1868), *Mosè in Egitto*

Giacomo Puccini (1858-1924), *Tosca*

O Coro do Teatro Nacional de São Carlos, um dos pilares artísticos da única instituição que no nosso país se dedica há mais de dois séculos ao género lírico, propõe-nos uma deambulação pela ópera romântica italiana, sublinhando o facto de a religiosidade ter assumido na mesma uma particular importância.

A viagem vai iniciar-se com o compositor que deixou na força expressiva dos coros algumas das páginas mais veementes da sua obra - Giuseppe Verdi, de quem começaremos por ouvir o universalmente amado e sempre atual *Va pensiero*, canto de dor de gentes oprimidas e afastadas à força da terra natal. Depois de outros coros verdianos, segue-se música de alguns outros compositores maiores italianos de ópera do século XIX: Pietro Mascagni (com dois hinos ao divino - o *Innegiamo*, de *Cavalleria Rusticana* e o *Hino Ao Sol*, da menos conhecida ópera *Iris*); Gioachino Rossini (génio risonho que foi dos mais cantados em São Carlos, mas que ouviremos na sua vertente trágica); Giacomo Puccini (com o *Te deum* que encerra o I ato da sua ópera *Tosca*, que decorre em Sant'Andrea della Valle). Terminaremos, assim, numa das mais belas igrejas de Roma.

A ópera portuguesa está representada por aquele que será o mais popular título da sua história: *A Serrana* de Alfredo Keil, um singular tributo à ruralidade portuguesa.

Concerto na Catedral de Faro

Soprano: Bárbara Barradas

Direção musical: **Rui Pinheiro**

Orquestra Clássica do Sul

Franz Joseph Haydn (1732-1809), *Die Schöpfung*, Hob.XXI:2 (Prelúdio e Ária n.º 4)

Frederick Delius (1862-1934), *On Hearing the First Cuckoo in Spring* (Ária n.º 8)

Frederick Delius (1862-1934), *Summer night on the river* (Recitativo e Ária (n.º 14 e 15)

Franz Joseph Haydn (1732-1809), *Sinfonia n.º 95 em Dó menor*, Hob I:95

A Orquestra Clássica do Sul propõe um programa em que energicamente se saúda e louva a Natureza. Inicia-se o concerto com dois trechos da monumental oratória *A Criação* de Joseph Haydn, que em 1797 tentou descrever musicalmente o mito judaico-cristão da Criação do Mundo baseando-se em alguns Livros d'A *Bíblia* e no poema *O Paraíso Perdido* de John Milton. Embalados pelo grande poeta do tempo de Cromwell partiremos para Inglaterra, de onde prosseguiremos com *Two Pieces for Small Orchestra* de Frederik Delius, obras que também cantam assumidamente a Natureza.

A primeira – *On Hearing the First Cuckoo in Spring* – foi composta em 1912 e estreada em Leipzig no ano seguinte. É uma evocação do campo e dos sons que aí se pode ouvir. A segunda peça intitula-se, não menos significativamente, *Summer Night on the River*.

A terminar, de novo a música de Joseph Haydn, compositor que na década de 1790 efetuou duas viagens a Londres que resultaram em duas séries de seis sinfonias. Estas doze obras ficaram conhecidas como as «Sinfonias Londrinas». São peças essenciais do repertório orquestral de Haydn. Muitas delas têm sugestivos títulos («Surpresa»; «Milagre»; «Militar», «Relógio»; «Toque de Tambor»; «Londres»), mas a *Sinfonia n.º 95* não apresenta título algum - é, aliás, a única das doze sinfonias em questão escrita numa tonalidade menor (Dó menor) e a única que não tem uma introdução lenta no primeiro andamento.

Joseph Haydn teve uma longa vida que se estendeu dos finais do Barroco aos inícios do Romantismo e foi um dos mais importantes compositores do período clássico. Talvez a sua mais importante conquista tenha sido a cristalização da «Forma-Sonata» - esta, na sua ânsia de perfeição formal, faz-nos sonhar numa Humanidade em harmonia com o Cosmos.

Concerto na Catedral de Viseu

Soprano: Isabel Alcobia

Contratenor: João Paulo Azevedo

Órgão: João Santos

Direção musical: **António Vassalo Lourenço**

Orquestra Filarmonia das Beiras

Johann Sebastian Bach (1685-1750)

Georg Friedrich Händel (1685-1759)

Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791)

A Catedral ou Sé de Viseu, que começou a ganhar significado maior com a implantação da nacionalidade, sempre acolheu fraternalmente as diferentes correntes estéticas surgidas no decorrer da sua já tão longa viagem pelo tempo. O Barroco que foi, não esqueçamos, uma sensibilidade verdadeiramente europeia que transcendeu as mais vincadas divisões religiosas que se opunham no continente, trouxe ao edifício importantes obras de talha, azulejaria e pintura, mantendo-o a par das correntes plásticas dominantes no século XVIII.

Assim, surge com naturalidade a música solene de dois dos maiores compositores barrocos alemães, homens que marcaram indelevelmente a linguagem e o sentir musical de parte da Europa na primeira metade do século XVIII. Não será também estranho ouvir nesta Catedral, onde desde sempre se rezou a fé Apostólica Romana, estruturada pelo Concílio de Trento, obras musicais fundadas nas fés luterana ou anglicana. As monumentais Paixões e outras obras sacras de Bach (*Magnificat*, *Oratória de Natal*, *Missa em Si menor*, entre outras) ou as grandes oratórias bíblicas de Händel, com as suas estruturadas e grandiosas polifonias, o brilho dos seus metais e a sua intrínseca teatralidade sonora casam-se bem com esta arquitetura erguida ao Divino e que o mantém no centro de todas as convergências.

Com a música de Mozart saltaremos, a finalizar, para o estertor desse século XVIII. Apesar de obras como a *Missa da Coroação*, toda cheia de fulgor e majestade, há no compositor de Salzburgo um sentido humaníssimo do transcendente (não há retrato da morte como o do *Requiem*) e um sentimento tranquilo, quase infantil, do divino (ouça-se o *Ave verum corpus*).

Concerto na Catedral de Braga e de Miranda do Douro

Direção musical: **José Ferreira Lobo**

Orquestra do Norte

Richard Wagner (1813-1883), *Siegfried-Idyll*, WWV103

Ludwig van Beethoven (1770-1827), *Sinfonia n.º 4 em Si Bemol Maior*, op. 60

Idílio de Siegfried; ou a mais bela prenda de aniversário do mundo!

«Quando acordei ouvi um som que crescia continuamente; apercebi-me então que já não estava a sonhar, mas que estava a ouvir música, e que música! Quando esta terminou, Richard veio ter comigo com as cinco crianças e ofereceu-me a partitura da sua prenda sinfónica.» - palavras no *Diário* de Cosima Wagner, que recordam a prenda de aniversário que acabara de receber.

A composição tem um título bem mais arrevesado: «Idílio de Triebchen com canto de pássaros Fidi e nascer do sol alaranjado, prenda de aniversário sinfónica de Richard Wagner à sua Cosima». A obra foi composta em 1870 após o nascimento do último filho do casal, Siegfried Wagner (Fidi). A peça foi estreada nas escadas interiores da grande *Villa* de Triebchen na manhã do dia 25 de dezembro de 1870, dia em que Cosima completava trinta e três anos. O poema sinfónico teve, pois, uma génese extremamente íntima e familiar.

A *Sinfonia n.º 4, em Si Bemol Maior*, op. 60 de Beethoven foi escrita no verão de 1806 e está dedicada ao Conde Franz von Oppersdorff, que a tinha encomendado ao compositor depois de ter adorado ouvir a sua *Sinfonia n.º 2*. A obra foi estreada em março de 1807 dirigida pelo próprio Beethoven. Robert Schumann referir-se-ia à sinfonia como «uma esbelta donzela grega entre gigantes nórdicos». Foi escrita num tempo conturbado, ao contrário de *Idílio de Siegfried*.

Em Portugal, por exemplo, no final desse mesmo ano de 1807 a nossa corte iniciava a sua dramática partida para o Brasil. A Viena de Beethoven seria também em breve tomada por Napoleão e o Imperador pouco tempo depois casaria com uma Arquiduquesa austríaca.